

ESTADO DE EMERGÊNCIA

Construir uma casa hoje, traz-nos muitas inquietações e dúvidas. Para além das habituais – o sítio, o programa, o orçamento, a escolha das pessoas certas, etc ... há hoje um conjunto de outras questões que se tornaram muito pertinentes, e com razão, que dizem respeito aos custos de manutenção dos níveis de conforto a que nos habituamos.

Estou a escrever estas linhas no Alentejo e, pasme-se, vejo neve lá fora. Dentro de casa está quentinho, a construção é boa, de paredes espessas que conservam bem o calor (ou o fresco) e, assim, sabe bem estar aqui – o aquecimento central funcionou bem! Mas até quando é que poderemos sustentar este nível de conforto? A acreditar nos estudos que se têm publicado ultimamente sobre o assunto, e a manterem-se os níveis de consumo actuais (maiores que nunca, agora, com o crescimento desmesurado em países como a China ou a Índia), as reservas de combustíveis fósseis (petróleo e gás), estarão esgotados lá para o final do séc. XXI e, à medida que vão rareando, o seu preço vai aumentando e provocando conflitos e problemas de dimensões muito preocupantes – o que significa que o problema nos está a afectar já e não só daqui a 50 OU 100 anos. É ASSIM UMA ESPÉCIE DE “Estado de Emergência” de que estaremos a sentir os primeiros efeitos.

É certo que a Humanidade encontrou já uma série de alternativas – as energias renováveis: eólicas, das marés, solar, combustíveis produzidos a partir de cana de açúcar ou de beterraba, hidrogénio, etc ... (a energia nuclear parece não ser ainda muito recomendável, uma vez que subsiste o problema dos resíduos) – mas também é verdade que, por razões diversas, a que não são certamente alheias as pressões dos interesses instalados, teremos de contar também com o facto de não se poder mudar tudo de repente sem provocar calamidades socio-económicas de proporções inimagináveis.

Estaremos então a entrar num período transitório, em que poderemos vir a sofrer alguma regressão ou pelo menos alterações significativas nos nossos sistemas de vida e níveis de conforto (parece que será inevitável, não se sabendo apenas o grau dos estragos).

Também é certo que os níveis de conforto a que nos habituamos são um fenómeno relativamente recente, isto ainda mais se olharmos para a história da Humanidade e procurarmos saber como é que nasceu este modo de habitar que hoje nos parece tão natural que nem nos ocorre questioná-lo. Refiro-me ao que os povos do Norte chamam “Home” e que nós, embora não muito correctamente, poderíamos traduzir por “Lar”, no fundo, a nossa casa no sentido mais afectivo do termo, conceito este que terá nascido lá para o séc. XVII, nos Países Baixos.

Bom, então, neste quadro talvez demasiado pessimista, mas receio que bastante realista, o que poderemos fazer (sim, já não dá para ficar à espera que alguém faça por nós) para minimizarmos os estragos?

A resposta poderá estar no olhar para o passado com o espírito voltado para o futuro, isto é: procurarmos aprender com as lições da História, do saber sedimentado e aperfeiçoado ao longo dos tempos, mas de forma inventiva, dinâmica, como aliás era também prática comum, recuperando a TRADIÇÃO e retomando o seu processo evolutivo natural, melhorando sempre e sempre os processos ou os modos de fazer e ... começarmos pelas nossas próprias casas.

De facto, e até se democratizarem os hábitos de consumo das nossas sociedades contemporâneas, profundamente dependentes da indústria transformadora e dos combustíveis fósseis, a Humanidade desenvolveu sistemas de adaptação das construções ao meio ambiente que, com as diferenças naturais de região para região, atingiram níveis de resolução em muitos casos bastante eficazes e quase sempre “limpas”, em termos ambientais.

Se sentimos fresco, em pleno verão, no interior de uma casa tradicional alentejana, a isso não são alheios os materiais utilizados, a orientação e o dimensionamento das janelas e das portas. No Norte de África aplicam-se sistemas de arrefecimento que se baseiam em fazer passar as correntes de ar por ânforas com água fresca. Os pátios sevillhanos, os “chalets” suíços, as arquiteturas de terra no leman, ... e tantos outros exemplos que aqui poderíamos citar, constituem um manancial de informação ou de respostas sustentáveis aos desafios de integração no meio. E não o são só ambientalmente, são-o também cultural e socialmente, na medida em que contribuem para manter o emprego e estimular as pequenas e médias indústrias locais e a produção artesanal e são claramente vantajosas economicamente, uma vez que não necessitam de grandes equipamentos ou infra-estruturas.

Há portanto que recuperar quanto antes esse manancial de conhecimentos e utilizá-lo sem complexos ou dogmas, com imaginação e criatividade, melhorando sempre e, pouco a pouco, reduzir a nossa dependência dos combustíveis fósseis e contribuir para a valorização do ambiente em que vivemos começando, como já disse, pelas nossas próprias casas.

José Baganha